

Ocupações e Profissões na Sociedade Brasileira de Sociologia: balanço da produção (2003-2017)

Maria da Gloria Bonelli*

Jordão Horta Nunes**

Jacques Mick***

RESUMO

O artigo oferece um balanço dos 166 artigos apresentados nos encontros bienais do grupo de trabalho (GT) Ocupações e Profissões, da Sociedade Brasileira de Sociologia, entre 2003 e 2017. O texto identifica o perfil dos pesquisadores e suas instituições, relaciona as principais referências teóricas e os temas e conceitos mais frequentes dos estudos na área. Entre os resultados, constata-se concentração de pesquisas sobre as profissões jurídicas, de educação/qualificação, de saúde, de segurança pública e forças militares, e de tecnologias de informação e comunicação. O GT se caracteriza principalmente por estudos empíricos, com abordagens teoricamente heterogêneas, prevalecendo as escolas anglo-saxônica e francesa de sociologia das profissões. O panorama revela que a produção brasileira sobre o tema está sintonizada com o debate global na área e atenta às especificidades locais.

Palavras-chave: Sociologia das profissões; Ocupações; Brasil.

* Professora sênior do Programa de Pós-Graduação em Sociologia - UFSCar, coordenadora do grupo de pesquisa Sociologia das Profissões, do Departamento de Sociologia - UFSCar, bolsista produtividade CNPq 1B. Desenvolve pesquisas sobre profissões, sistema de justiça e gênero.

** Professor na Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Federal de Goiás, com mestrado em Filosofia Política (UFG) e doutorado em Sociologia (USP). Trabalha principalmente nas áreas de Sociologia do Trabalho, Sociologia das Profissões e Metodologia das Ciências Sociais.

*** Professor do Departamento de Sociologia e Ciência Política da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Atua nos programas de pós-graduação em Sociologia Política e em Jornalismo da UFSC, e coordena pesquisas sobre os jornalistas brasileiros.

ABSTRACT**PROFESSIONS AND OCCUPATIONS ON BRAZILIAN SOCIOLOGICAL SOCIETY:
AN ACCOUNT OF OF THE RESEARCHES (2003-2017)**

The article provides an overview of the 166 articles presented at the biennial meetings of the Occupations and Professions Working Group (GT) at Brazilian Sociological Society between 2003 and 2017. The text identifies the profile of researchers and their institutions, lists the main theoretical references and the most frequent themes and concepts of the studies in the area. Among the results, the article identifies concentration of research on some professional areas: legal, education / qualification, health, public security and military forces, and information and communication technologies. The group is mainly characterized by empirical studies, with theoretically heterogeneous approaches, dominating the Anglo-Saxon and French schools of sociology of the professions. The panorama reveals that the Brazilian production is in tune with the global debate in the area, but also attentive to local specificities. Keywords: Sociology of professions, occupations, Brazil.

Nos últimos 15 anos, o GT Ocupações e Profissões contribuiu para reverter a falta de tradição de pesquisa sobre os grupos profissionais no Brasil. Estudos empíricos e a discussão crítica das referências teóricas que os pesquisadores do GT aprofundaram no decorrer desse período ajudaram a construir a legitimidade da área e o reconhecimento dos pares para a força analítica da reflexão criteriosa desenvolvida no grupo. A atuação do GT foi fundamental para modificar um estereótipo existente no meio acadêmico – de que a especialização recortava a realidade de forma a legitimar a ordem social excludente e reforçar o *status quo*. As articulações para internacionalização da produção ajudaram tal consolidação, trazendo autores estrangeiros, como Eliot Freidson, Magali Larson, Bryant Garth, organizando grupos com colegas latino-americanos como na ALAST, ou circulando em eventos no exterior para a divulgação e debate sobre as pesquisas brasileiras e para que os pesquisadores se atualizassem a respeito da produção internacional.

O GT Ocupações e Profissões prioriza articular a rede de pesquisadores desse tema por meio dos eventos da SBS, que criou maiores possibilidades de acolhimento de trabalhos para apresentação e discussão, além das outras formas de intercâmbio entre seus membros. Em oito congressos, de 2003 a 2017, estão registrados nos Anais do GT 166 *papers*, escritos por 174 pes-

quisadores, isoladamente ou em coautoria. Escreveram dois ou mais textos 29 autores. Os mais frequentes no grupo – Jordão Horta Nunes, Fernanda Rios Petrarca, Roberto Fragale Filho e Maria Natália Silveira – apresentaram ao todo 21 *papers*. A maior parte dos pesquisadores que contribuíram com o GT, contudo, apresentou apenas um artigo: foram 133. Os investigadores participantes do grupo apresentaram vínculos com 64 instituições de ensino superior de todas as regiões do país. Aquelas com maior número de pesquisadores e/ou artigos foram as Universidades Federais de Goiás (UFG), Fluminense (UFF), de São Carlos (UFSCAR), de Pernambuco (UFPE) e do Rio de Janeiro (UFRJ). A Fundação Instituto Osvaldo Cruz mobilizou número expressivo de investigadores ou textos, assim como a Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Completam o grupo de instituições mais frequentes no GT as Universidades Estaduais de Campinas (Unicamp) e do Rio de Janeiro (UERJ) e as federais do Paraná (UFPR), de Santa Catarina (UFSC), de Alagoas (UFAL) e de Sergipe (UFS).

Quanto aos temas das investigações, o balanço do período 2003-2017 mostra forte presença de estudos ligados às profissões jurídicas, de educação ou qualificação, de saúde, de segurança pública e forças militares, e de tecnologias de informação e comunicação (Tabela 1). Somadas, as pesquisas sobre esses temas equivalem a 50% do total dos estudos apresentados no GT. Dezoito áreas de atuação profissional respondem pela outra metade dos artigos, juntamente com oito textos de caráter teórico e quatro que investigaram implicações de gênero ou raça na estrutura ocupacional. A relação revela a extensão da curiosidade dos pesquisadores da área, que se distribui sobre amplo leque de atividades profissionais, mobilizando variadas estratégias teórico-metodológicas. Vale também ressaltar que foram realizadas diversas sessões no GT, a exemplo de “Identidade, diferença e desigualdade nos grupos ocupacionais e profissionais”, em que marcadores de raça, gênero e classe foram empregados no suporte teórico ou como variáveis na base empírica, além de que gênero e classe, ou posição social, como conceitos, integram teorias da identidade profissional. No caso dos quatro *papers* designados com “Gênero/raça e estrutura ocupacional”, a classificação ocupacional ou as considerações sobre gênero e raça se sobrepunham, de forma mais evidente, à teorização mais específica sobre as profissões, que usualmente valoriza a autonomia na organização do trabalho, a expertise e as negociações e disputas na constituição de grupos.

Tabela 1 – Profissões mais frequentes nos artigos apresentados no GT Ocupações Profissões da SBS (2003-2017)

Temas	n ¹	%
Profissões jurídicas	24	14,46%
Educação/qualificação	21	12,65%
Profissões da saúde	16	9,64%
Segurança pública e militares	12	7,23%
Tecnologias de informação e comunicação (TIC)	10	6,02%
Comunicação	9	5,42%
Ciências sociais	9	5,42%
Teóricos	8	4,82%
Serviços pessoais e domésticos	6	3,61%
Administração/Serviços bancários e financeiros	5	3,01%
Comércio/Vendas	5	3,01%
Serviço social	4	2,41%
Outros serviços de baixa qualificação	4	2,41%
Artes/Produção cultural	4	2,41%
Outros serviços	4	2,41%
Gênero/raça e estrutura ocupacional	4	2,41%
Diplomacia/RI	3	1,81%
Moda/Design	3	1,81%
Psicologia/Terapia/Psicanálise	3	1,81%
Alimentação	2	1,20%
Engenharia	2	1,20%
Administração	2	1,20%
Política	2	1,20%
Arquitetura	2	1,20%
Indústria/Construção civil	2	1,20%
Total geral	166	100,00%

1 O total de artigos (166) corresponde, de 2003 a 2013, apenas a textos de comunicações apresentadas nas sessões do evento, que passaram a compor os Anais. Em relação aos eventos mais recentes, de 2015 e 2017, figuram nesta relação todos os textos aprovados para apresentação, pois os Anais ainda não estão disponíveis.

Para além da diversidade de temas debatidos nesse período, os enfoques analíticos se pluralizaram nas abordagens do campo. As referências mais presentes foram Eliot Freidson (1996), Claude Dubar (2006), Andrew Abbott (1988), Pierre Bourdieu (1989), Julia Evetts (2013), Magali Larson (1979), Howard Becker (2009), Mike Sacks (2012), Yves Dezalay e Bryant Garth (2000), Everett Hughes (1984), Bruno Latour (2000), Anthony Giddens (1991), Nicky Le Feuvre (2008) e Helena Hirata (2014), o que comprova a heterogeneidade das abordagens.

Os conceitos mais debatidos foram ocupação e profissão como tipos ideais, autonomia profissional, sistema das profissões, competição intra e inter-

profissional, controle jurisdicional do conhecimento e do mercado, formas identitárias, identificações descentradas, campo e *habitus* profissional, produção simbólica e legitimação da *expertise*, conhecimento perito, negociações de sentidos nos grupos profissionais, ideologia do profissionalismo, autoridade cultural e legitimidade moral dos profissionais, poder profissional, a dominação do saber, a produção do mérito, saber-poder, construção social do gênero, das masculinidades e a feminização das profissões, as diferenças e diversidade. Outras influências provenientes dos conceitos de trabalho imaterial e cognitivo, da proletarização das profissões e precarização do trabalho profissional, deram sua contribuição na análise crítica das mudanças que se processam no profissionalismo nas ocupações e nas organizações. Nessa diferenciação, a articulação das lógicas profissional, burocrática e de mercado numa perspectiva discursiva produziu novos conceitos resultantes desse hibridismo, como profissionalismo organizacional (EVETTS, 2013) e profissionalismo híbrido (MUZIO e KIRKPATRICK, 2011). Recentemente o GT vem incorporando trabalhos na fronteira com áreas e temas que interseccionam com a sociologia das profissões e ocupações, como a sociologia histórica e processual (ABBOTT, 2001, 2016), a análise de carreiras, trajetórias e percursos de vida (DUBAR, NICOURD, 2017; LALLEMENT, 2003), a sociologia clínica (GAULEJAC, 2005) e a sociologia das organizações (SAINSAULIEU, 1990).

Alguns eixos de discussão estiveram presentes em quase todos os encontros, como: as relações entre profissões, Estado e mercado e as lutas por legitimação; saberes; fronteiras, jurisdições e fechamento; identidades profissionais, crises e novas identificações; grupos profissionais, inclusão e cidadania; conflitos, desigualdade e diferença; internacionalização da *expertise* e das redes profissionais; profissionalismo nas ocupações e nas organizações; houve assim um refinamento teórico e metodológico desse conhecimento orientando os colaboradores e interessados no GT a concentrarem sua contribuição neste aspecto, contemplando a bibliografia especializada.

Uma característica dos *papers* apresentados no GT é a base empírica, tradicional nos estudos sobre as profissões: a ampla maioria tem respaldo em pesquisas, geralmente estudos de caso, embora sejam frequentes levantamentos estatísticos com suporte em bases governamentais ou *surveys*. No aspecto metodológico, tem sido bastante comum o uso de estratégias qualitativas e triangulação de fontes ou métodos, com o emprego de entre-

vistas articuladas à análise quantitativa de bases de dados ou *surveys* e à pesquisa historiográfica e documental. Ultimamente alguns trabalhos voltaram-se à problematização de métodos e técnicas aplicados na área, como o recurso à ciência dos dados, à análise de redes sociais e o emprego de *online surveys*.

Manifesta-se também no GT o desdobramento de um debate entre a escola anglo-saxônica de análise sociológica das profissões, ancorada num tipo ideal de profissionalismo que valoriza a autonomia, a *expertise* e a formação em nível superior, e alguns programas de pesquisa mais recentes, com origem na França, que vieram a compor uma sociologia dos grupos profissionais, a princípio mais inspirada no interacionismo e no marxismo. A sociologia francesa manteve, de início, uma abordagem crítica a uma suposta meritocracia das profissões, grupos ocupacionais associados à classe dominante. Sua problemática aproximava-se, assim, da análise de classes sociais. Somente a partir da década de 1980, a sociologia das profissões passa a constituir na França um domínio de temática própria, bastante influenciado pela tradição interacionista simbólica, herdeira do programa de pesquisa empírica de diversas ocupações, desenvolvido por Everett Hughes e depois por Herbert Blumer com jovens alunos na Universidade de Chicago. Compartilhando com os interacionistas a crítica ao enfoque funcionalista de análise das profissões, a vertente francesa passa a se dedicar, sobretudo, a pequenos ofícios e ocupações menos prestigiadas, que requerem menor nível de escolarização e nas quais o processo de profissionalização estava ainda em consolidação. Sociólogos como Claude Dubar, Didier Demazière, Charles Gadéa e Morgan Jouvenet passam a compor uma inflexão interacionista de análise das profissões, reconhecendo um tipo de conhecimento e *expertise* profissional em grupos ocupacionais antes ignorados por correntes que também criticavam o funcionalismo na sociologia das profissões, como o neo-marxismo de Johnson, ou posições como as de Larson e Freidson, que deram destaque ao credencialismo e à construção de um poder profissional. Para Gadéa e Demazière, os grupos profissionais são constituídos por trabalhadores que exercem uma atividade designada por um mesmo nome e compartilham de uma identificação, um reconhecimento e uma visibilidade social e que ocupam um lugar diferente na divisão social do trabalho, caracterizado por uma legitimidade simbólica.

A sociologia francesa dos grupos profissionais veio a problematizar, de forma crítica, as dificuldades de efetivação do profissionalismo num mundo

em que a informação se tornou mais disseminada e democrática, sobretudo com as tecnologias de informação e comunicação, diminuindo a autoridade do profissional diante do usuário leigo. Outras ameaças são o crescimento do controle administrativo, o distanciamento dos locais de regulação, que se tornam supranacionais e a normalização de práticas. Os ideais de autonomia, esoterismo na formação e credencialismo tornam-se cada vez mais relativizados e novas estratégias de resistência passam a ser desenvolvidas pelos grupos profissionais, como uma “prática prudencial”, que, segundo Florent Champy (2009), seria desenvolvida por profissões cujo conteúdo não é assegurado pelo monopólio em sua circunscrição, mas que requerem a mobilização de saberes em situações de incerteza, nas quais a aplicação de um saber normalizado é insuficiente. Assim, arquitetos, por exemplo, podem requerer, na dinâmica do processo profissional, uma prática prudencial, diante da concorrência de outros profissionais, como engenheiros. Alguns profissionais, como engenheiros, médicos ou músicos, usualmente enfrentam problemas identitários quando atuam como professores universitários em períodos diferentes de seus percursos de vida ou até mesmo no mesmo período. Assim, a problemática ressaltada pela sociologia francesa dos grupos profissionais, que dá destaque às formas identitárias construídas na trajetória profissional ou na carreira, tem sido bastante profícua na análise de ocupações mais distantes do *mainstream* estrito das grandes profissões e das novas formas de organização do trabalho e de configuração do mercado e da regulação no mundo contemporâneo. O GT Ocupações e Profissões tem acolhido diversas comunicações nessa linha, sobre ocupações ligadas ao setor de tecnologias de informação e comunicação, mas também ao trabalho artístico e a outras ocupações em trajetória ascendente ou descendente de profissionalização, como livreiros, digitadores, mecânicos, jornalistas, guias turísticos, vendedores, treinadores esportivos, profissionais de higiene e beleza, profissionais do sexo, carcereiros, além de outras.

Estudos empíricos recentes sobre as profissões nos países anglo-americanos mostram como elas sofreram grandes transformações na passagem para o século XXI em decorrência da globalização, das inovações tecnológicas e da força dos negócios corporativos e do mercado na dinâmica profissional. O modelo tradicional de profissão que persistiu ao longo do século XX deixou de ser hegemônico. No caso da advocacia, a atuação liberal em pequenos escritórios deparou-se com a expansão das grandes sociedades de advogados,

estratificando-as em sócios e associados, fenômeno relacionado ao aumento da participação das mulheres (concentradas nas posições menos valorizadas e rotineiras). A cultura profissional cívica que dava sustentação social a esse modelo retraiu-se perante a cultura do negócio jurídico, e a forma de organização colegiada apoiada na autonomia profissional concorre com um uso discursivo do profissionalismo – não para produzir coesão, mas para disciplinar os corpos e o trabalho.

No Brasil, o aumento vertiginoso dos credenciados para a prática veio acompanhado da sua diversificação. Além das mulheres, outras diferenças ganharam visibilidade entre os habilitados, embora nenhuma delas tenha a proporção da feminização. As transformações macrossociais apontadas acima, articuladas ao novo perfil sociodemográfico dos advogados, desconstruíram a coesão partilhada como sentimento de grupo. As identificações profissionais se pluralizaram junto com a multiplicação de associações. Essas identificações refletem a fragmentação da advocacia e as intersecções que recortam a subjetividade, como gênero, sexualidade, cor/raça, classe, religião suturando-as à identidade (Bonelli, 2017). Dinâmicas semelhantes têm sido constadas por pesquisadores brasileiros em outras profissões.

A padronização de modelos globais foi acompanhada de processos fragmentários nas profissões, o que se verifica também nas elites profissionais com as novas elites corporativas, além das tradicionais, e as lideranças institucionais.

A bibliografia internacional sobre as profissões e as novas empresas de serviços profissionais sugerem que o modelo tradicional tornou-se obsoleto na advocacia no Reino Unido (Sommerlad et alli, 2017), embora persistam os vestígios do profissionalismo. Lá, o controle de mercado pelos pares e o monopólio da atividade estão menos preservados do que aqui, verificando-se a diluição de fronteiras entre o trabalho exercido por diferentes profissões (contador e advogado) e entre o trabalho qualificado e o não qualificado (advogado e paralegal). Também as relações entre o Estado e os grupos profissionais se fragilizaram, com o apoio público à desregulamentação estimulada pelo movimento da livre escolha dos consumidores e a perda de autonomia dos experts, com controles vindos de cima, de órgãos criados pelo Estado. Portanto, além das práticas estratificadas nas empresas de serviços profissionais, que replicam as hierarquias sociais com a precarização do trabalho realizado principalmente por mulheres e

minorias, conformando um modelo que se distancia daquele do século XX, os autores observam uma quebra da confiança pública nas profissões e na erosão da autoridade da *expertise*.

O modelo profissional no Brasil revela-se mais híbrido, tanto em termos de ideário quanto das formas de organização. Grandes corporações que prestam serviços profissionais seguem reguladas pelo Conselho ou Ordem, que também detém a regulamentação e o controle da prática corporativa e liberal em pequenos escritórios. As relações entre as profissões e o Estado podem ser mais ambivalentes do que foram, mas não estão fragilizadas a ponto dos conselhos perderem o monopólio e o controle dos pares. Embora a cultura cívica esteja bastante entrecortada pelos negócios, a atuação político-institucional da Ordem ganha visibilidade quando ela se posiciona publicamente na crise política em curso. Do ponto de vista da confiança pública, as carreiras jurídicas de Estado ocupam posição significativa no atual contexto de investigação sobre os políticos e o uso privado de recursos do Estado, não configurando uma erosão homogênea da autoridade da *expertise*.

Por outro lado, ocupações em processo de profissionalização buscam apoio político no Executivo e no Legislativo para viabilizar a criação de novos conselhos e de regulamentação profissional. A contestação que enfrentam vem mais da força das profissões estabelecidas do que do Estado. Elas têm sido capaz de deter novas concorrências no mercado, como foi o caso da OAB reagindo e contendo o pleito dos paralegais na Câmara Federal.

Esse cenário de mudanças coloca novas questões para o aprofundamento dos debates e da produção de pesquisas sobre as profissões no Brasil contemporâneo, seja no enfoque das especificidades locais, seja nas semelhanças com os processos difundidos pela globalização. Para além das mudanças no perfil de grupos profissionais decorrentes das intersecções do gênero, classe e diversidade, a construção binária do mundo profissional, com atividades se preservando predominantemente compostas por homens brancos, em especial nas “ciências duras”, e quase exclusivamente por mulheres nos “cuidados”, tem reproduzindo na dimensão pública da profissão o padrão da vida na casa, da divisão sexual do trabalho.

Neste aspecto, várias foram as contribuições do GT Ocupações e Profissões para produzir uma reflexão articulada ao debate de outros grupos da SBS, sobre trabalho e cuidados. Por vários anos, a produção de conhecimento no campo da Sociologia do Direito e da Sociologia da Saúde foi partilhada

e acolhida nas sessões do GT, auxiliando a dar mais densidade a tais trocas, que se viabilizaram como novos GTs, para melhor atender ao avanço dessas *expertises* na SBS.

Em termos do estado da arte das Ocupações e Profissões, o GT percorreu um caminho que deu mais densidade teórica à área, que se constitui hoje como uma especialização que articula estudos empíricos e teórico-metodológicos. Esta produção mostra-se atualizada e sintonizada com o debate global, sem perder as especificidades do local/regional/nacional. Também teve uma prática aberta, de acolhimento e apoio à consolidação de novas *expertises* nas proximidades de seu saber.

Referências

ABBOTT, Andrew. (2016), *Processual Sociology*. 1. ed. Chicago: University of Chicago.

_____. (2001), *Time Matters: on Theory and Method*. 1. ed. Chicago: University of Chicago.

_____. (1988), *The system of professions*. 1. ed. Chicago: University of Chicago Press.

BECKER, Howard. (2009), *Falando da Sociedade*. 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar.

BONELLI, Maria da Glória. (2017), *Changes in the Brazilian legal profession*. Paper apresentado no 2017 *Law and Society Association Meeting*, Mexico City, 2017.

BOURDIEU, Pierre. (1989), *O poder simbólico*. 1. ed. Lisboa, Difel.

CHAMPY, Florent. (2009), *La Sociologie des professions*. Paris, PUF.

_____. (1998), *Les Architectes et la Commande publique*. Paris, PUF.

DEMAZIÈRE, Didier ; GADÉA, Charles. (2009), *Sociologie des groupes professionnels*. Acquis récents et nouveaux défis. 1. ed. Paris: La Découverte.

DEZALAY, Yves; GARTH, Bryant. (2000), A dolarização do conhecimento técnico profissional e do Estado. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, v. 15, n. 43, pp. 163-176.

DUBAR, Claude. (2006), *A crise das identidades: a interpretação de uma mutação*. 1. ed. Porto: Afrontamentos.

DUBAR, Claude; NICOURD, Sandrine. (2017), *Les biographies en sociologie*. 1. ed. Paris: La Découverte.

EVETTS, Julia. (2013), Professionalism: value and ideology. *Current So-*

ciology, n. 61, pp. 5-6. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/abs/10.1177/0011392113479316>. Acesso em 2/4/2017.

FEUVRE, Nicky Le. (2008), Modelos de feminização das profissões na França e na Grã-Bretanha. In: COSTA, Albertina et ali. (org.) *Mercado de trabalho e gênero: comparações internacionais*. Rio de Janeiro: FGV. pp. 299-314.

FREIDSON, Eliot. (1996), Para uma análise comparada das profissões. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, n. 31, pp. 141-145.

GAULEJAC, Vincent de. (2005), *La société malade de la gestion : idéologie gestionnaire, pouvoir managérial et harcèlement social*. 1. ed. Paris: Le Seuil.

GIDDENS, Anthony. (1991), *As consequências da modernidade*. 1. ed. São Paulo: Unesp.

HIRATA, Helena. (2014), Gênero, classe e raça: Interseccionalidade e con-substancialidade das relações sociais. *Tempo Social*, vol. 26, n. 1, pp. 61-73.

HUGHES, Everett C. (1984), *The sociological eye: selected papers*. 1. ed. New Jersey: Transaction.

LALLEMENT, Michel. (2003), *Temps, travail et modes de vie*. 1. ed. Paris: PUF.

LARSON, Magali. 1979, *The rise of professionalism*. 1. ed. Berkeley: The University of California Press.

LATOUR, Bruno. (2000), *Ciência em ação*. São Paulo: UNESP.

MUZIO, Daniel; KIRKPATRICK, Ian. (2011), Reconnecting professional occupations and professional organizations. *Current Sociology*, v. 59, n. 4, pp. 389-405. Disponível em: <http://journals.sagepub.com/doi/pdf/10.1177/0011392111402584>. Acesso em 02/04/2017.

SAKS, Mike. (2012), Defining a profession: The role of knowledge and expertise. *Professions & Professionalism*, v. 2, n. 1, pp. 1-10. Disponível em: <https://journals.hioa.no/index.php/pp/article/view/151/355>. Acesso em 16/03/2017.

SAINSAIEU, Renaud. (1990), *Sociologie de l'organisation et de l'entreprise*. Paris: PFNSP.

SOMMERLAD, Hilary et alli. (2017), The Legal Profession in England & Wales: At the Vanguard of Professional Transformation? Paper apresentado no 2017 *Law and Society Association Meeting*, Mexico City.